

O QUE A ARTE E A PSICANÁLISE PERMITEM INTERROGAR SOBRE O ESTATUTO DO ÓDIO

XXV Encontro de Extensão

Tábata Isis Silva Laboreiro, Mariana Lopes Veras, Cacia Linhares Pereira

O trabalho apresenta os móveis de uma discussão que vem sendo travada no âmbito do Projeto de Extensão “Cine Freud, Cultura e Arte”. Desta discussão, que de um modo mais amplo interroga a problemática do ódio e seus destinos subjetivos e culturais, recorta-se aqui elementos do filme *Relatos Selvagens* e de dois contos do escritor brasileiro Rubem Fonseca, “Passeio Noturno I” e “Passeio Noturno II”. Aborda-se, de modo específico, a forma como estas histórias são contadas e o efeito que desperta em seus leitores/expectadores. Na obra de Rubem Fonseca, especificamente nestes contos, e no filme dirigido por Szifron, qual a fronteira entre ódio e violência? Podemos falar em ódio em ambas as obras na medida em que o ódio é constitutivo do sujeito e, segundo a Psicanálise, inevitável. A questão que se coloca, portanto, é: como manejá-lo? Discute-se, assim, a afirmativa de que a violência e o ódio não podem ser situados como equivalentes. Lacan compreende o ódio como uma das paixões do ser, aliado ao amor e a ignorância, e a paixão se caracterizaria por apresentar uma suspensão provisória da barra que separa o significante do significado. Quando tomadas pelo ódio, as pessoas vivem uma experiência marcada pelo unívoco. Por outro lado, a violência se apresenta como um dos destinos do ódio. Embora esse não seja propriamente um conceito psicanalítico, a violência é posta por Freud como em sua aproximação com o poder: o exercício de um poder ou de uma força sobre um outro. Esses dois termos, violência e poder, que hoje parecem se opor, têm uma origem comum, um se desenvolveu a partir do outro. Seguindo estas proposições, observamos que o filme e os contos que se constituíram como objeto desta análise permitem isolar mecanismos específicos do ódio e da violência, além de promoverem um questionamento em torno de sua produção ideológica, desvelando a violência exercida pelo discurso normativo, que encontra no Direito uma de suas faces.

Palavras-chave: Ódio. Arte. Psicanálise.